

# tentação

## beth kery

Tradução de Ester Cortegano

PRIMEIRA  
SEMANA



*Entre no trabalho e dei por mim noutro mundo.*

**E**mma Shore puxou para o lado as cortinas que escondiam uma parede de três metros e meio feita inteiramente de vidro. O choque da súbita e ofuscante beleza desorientou-a por um momento. O sol refletia-se brilhantemente de um sedutor lago Michigan azul-turquesa e filtrava-se por entre um maciço de bétulas de troncos brancos que debruavam a água. As folhas brilhavam como moedas de verde-ouro, fraturando a luz nos seus olhos ofuscados. Um *spray* branco voava no ar quando uma onda atingia as rochas pretas ao longe.

O *design* da casa onde se encontrava era revolucionário, ou, pelo menos, era o que lhe parecia, na sua experiência limitada. A mansão caía em cascata pelo penhasco abaixo na direção do grande lago; cada camada da casa era um degrau que descia para a próxima, o telhado de um nível era o magnífico terraço do andar de cima, com pitorescos assentos exteriores e coloridos vasos de flores. No nível mais baixo, perto do lago, uma piscina azul-clara tentava qualquer pessoa a perfurar a sua superfície serena.

Um paraíso. Lá fora, pelo menos.

Virou-se. A luz verde-dourada transformara o luxuoso quarto anteriormente envolto na penumbra. Infelizmente, a outra ocupante do quarto, a Sr.<sup>a</sup> Shaw, parecia ainda mais desaprovadora à luz do sol. As outras colegas enfermeiras e assistentes da Clínica de Cuidados Continuados New Horizon já estavam familiarizadas com aquele trabalho, encontrando-se em Breakers há várias semanas. Emma era a miúda nova, e destinada a cometer alguns erros.

Aparentemente, cometera o primeiro.

Estudou a elegante e magra mulher mais velha com o carrapito louro e vestida com um chique fato feito por medida que atravessava a suíte. A mulher apresentara-se uns minutos antes como a assistente pessoal doméstica de Michael Montand, o que quer que isso significasse. A supervisora de

Emma rotulara-a mais concisamente como a governanta. Aparentemente, até a governanta do calibre de Montand podia passar por uma supermodelo envelhecida. Fosse qual fosse o seu título, a Sr.<sup>a</sup> Shaw decidira claramente que Emma significava sarilhos. O sorriso tranquilizador de Emma enquanto se dirigia à cama vazia pretendia acalmar a ansiedade da outra mulher. Emma era enfermeira e defensora dos interesses da paciente, não uma rebelde. Não tinha culpa se a família ou o pessoal dos pacientes por vezes não conseguiam discernir a diferença.

— Isto é o quarto de uma pessoa doente — disse a Sr.<sup>a</sup> Shaw, fazendo-se ouvir sobre o concerto a tocar suavemente na aparelhagem. — Pela maneira como se está a comportar com toda esta luz, e música, e a pôr a Sr.<sup>a</sup> Montand a tomar duche, parece que está à espera que ela vá a alguma festa esta noite.

— Os doentes apreciam a beleza tanto como os outros. Normalmente, ainda mais.

— Ela não está doente. Está a morrer.

— Ainda não — declarou Emma inequivocamente, ignorando a expressão chocada e indignada da Sr.<sup>a</sup> Shaw perante o seu tom confiante. Era enfermeira de cuidados continuados, é certo, mas também tinha a sua dose de experiência com a morte; bem mais do que a grande maioria das pessoas de vinte e três anos. Não. A hora da sua paciente ainda não tinha chegado.

— Os médicos dizem...

— Eu sei o que os médicos dizem — interrompeu Emma, tentando controlar a irritação no seu tom de voz. Olhou de relance a casa de banho adjacente e baixou a voz, esperando que a Sr.<sup>a</sup> Shaw fizesse o mesmo. A sua paciente estava do outro lado daquela porta. — O que eu quero dizer é que, na minha opinião profissional, o fim não está iminente. Não é hoje. Não é amanhã. — Retomou o trabalho de fazer a cama, bruscamente. — A Cristina disse que adorava música clássica quando a entrevistei, por isso liguei a aparelhagem. Quem não gosta de estar limpo? Quanto às cortinas, ela já alguma vez se queixou de a luz do sol a incomodar? — perguntou, ignorando o olhar furioso da Sr.<sup>a</sup> Shaw quando ela usou o nome próprio da sua paciente. Cristina dera-lhe autorização para o usar uma hora antes, e isso bastava para Emma.

— Fala com muito descaramento, para uma pessoa tão nova — disse a Sr.<sup>a</sup> Shaw, o seu rosto a desaparecer num segundo feliz quando Emma sacudiu o cobertor no ar, bloqueando a sua visão da mulher.

— A Sr.<sup>a</sup> Montand disse que não gostava de ter as cortinas abertas? — repetiu Emma em voz baixa, dobrando-se para prender o cobertor.

— Nunca a ouvi dizer isso, mas ela nunca teve oportunidade de exprimir a sua opinião. O Sr. Montand pediu-nos para mantermos as cortinas fechadas, desde que a Sr.<sup>a</sup> Montand regressou a Breakers para...

*Morrer.*

Emma completou na sua cabeça a palavra não dita quando a Sr.<sup>a</sup> Shaw se calou. Nunca cessava de surpreender a forma como as pessoas diziam a palavra tão facilmente na vida normal, mas se recusavam a pronunciar-la quando ela pairava por perto. Talvez receassem que a morte ouvisse e as levasse antes a elas.

— Veremos como a Cristina reage à vista quando voltar do duche. Também é fácil voltar a fechá-las. A Cristina pode achar a luz do sol refrescante — concluiu Emma, a conversar com um tom amigável mas firme.

Quando ouviu o guincho da cadeira de rodas e as vozes abafadas, apressou-se a atravessar o quarto. Bateu à porta da casa de banho e abriu-a, transpondo a ombreira para ajudar Margie, a auxiliar de enfermagem. Emma ficara impressionada com o tamanho da casa de banho, para não falar da forma como fora sofisticadamente remodelada para se adaptar a todas as dificuldades da Sr.<sup>a</sup> Montand.

— Ah, estou a ver que o duche lhe fez bem — comentou Emma quando Margie fez parar a cadeira de rodas. Cristina Montand sorriu-lhe debilmente.

— Foi melhor do que sexo. Pelo menos, nesta fase da minha vida — disse Cristina numa voz rouca e com sotaque italiano.

Emma sorriu, contente por ouvir o irónico humor da sua paciente.

O sotaque exótico combinava, de alguma forma, com a sua aparência e personalidade. O cancro ia levá-la demasiado nova. Emma sabia pelos registos médicos que Cristina tinha sessenta e dois anos. Fora, claramente, uma beldade. O decaimento da carne combinado com o ligeiro inchaço e descoloração devido à crescente insuficiência do fígado e rins não disfarçavam inteiramente as maçãs do rosto clássicas e o pescoço de cisne.

— Fiz-lhe a cama de lavado e abri-lhe as cortinas, mas, se quiser, eu volto a fechá-las, se estiver cansada — explicou Emma.

— O Sr. Montand deu instruções explícitas para deixar as cortinas fechadas — disse Margie ansiosamente. Emma ainda estava a processar a tensa declaração da auxiliar de enfermagem quando o toque estridente do

telefone se fez ouvir pelo quarto. Emma olhou em volta e viu a Sr.<sup>a</sup> Shaw apressar-se a atender. A governanta olhou para Emma e uma feia expressão de triunfo espalhou-se pelo seu rosto enquanto ela ouvia quem quer que estivesse do outro lado.

— Sim, eu disse-lhe que o senhor não as queria abertas, mas parece que a senhora enfermeira pensa que ela é que sabe. Sim, vou tratar disso imediatamente — disse a senhora Shaw. Pouco à vontade, Emma olhou de relance uma das várias câmaras de vigilância instaladas na espaçosa suíte. Teria sido o enigmático proprietário de Breakers, Michael Montand, que ligara?

A Sr.<sup>a</sup> Shaw desligou o telefone e marchou para as janelas do chão ao teto. Fechou as cortinas com um gesto rápido, voltando a envolver o quarto na escuridão. Emma tinha a sua resposta. Seguramente a horrível mulher não estaria tão emproada se não tivesse tido autorização do seu patrão para se comportar daquela forma ditatorial.

— O que está aquela *cagna* a fazer aqui? — perguntou Cristina, zangada, quando viu a Sr.<sup>a</sup> Shaw a passar a porta. Emma não falava italiano, mas tinha a certeza de que chamar a alguém *cagna* não era um elogio.

— Esta casa é *dele*. Eu faço o que ele me pede para fazer. — A Sr.<sup>a</sup> Shaw lançou um último olhar carrancudo para os lados de Emma e Cristina e saiu da suíte.

Emma soltou o sopro de ar que estivera a conter.

— Foi-se embora — disse em voz baixa a Cristina, enquanto se desviava para um lado para Margie poder empurrar a cadeira de rodas para dentro do quarto. — Quer que abra as cortinas?

Era medo, ou fúria, ou mágoa, o que viu dardejar pelo rosto enrugado da sua paciente, ao ouvir a pergunta? Emma não tinha a certeza, mas uma coisa era certa.

Esta família tem sérios segredos.

— O meu enteado é dono de Breakers e eu dependo da sua caridade. O pai dele e os tribunais deixaram isso bastante claro. Eu tenho de viver de acordo com as suas regras — replicou Cristina num tom monocórdico.

— De qualquer maneira, a escolha é sua — assegurou-lhe Emma.

— Fiquei muito cansada depois do duche — disse Cristina após uma pausa.

— Não precisa de dizer mais nada — disse Emma calmamente.

Cristina fez um olhar de pena para as cortinas corridas, depois de ela e Margie a terem transferido da cadeira de rodas para a cama.

— Consegui ver um bocadinho da luz do sol, ali na casa de banho. Esteve um dia muito bonito? — perguntou Cristina numa voz grave, quando Margie saiu do quarto.

— Um daqueles dias em que a luz do sol bate na água e é absorvida pelo ar, e quase parece uma coisa viva de tão brilhante.

Cristina sorriu.

— Lembro-me de dias assim na Riviera, dias reservados aos jovens e saudáveis — disse Cristina enquanto Emma puxava as roupas de cama para lhe cobrir o corpo frágil.

— Um dia como o de hoje é tanto para si como para outra pessoa qualquer.

A doença não apagara por completo a qualidade perfurante do sorriso de Cristina.

— Só uma pessoa jovem e bonita seria suficientemente tola para pensar assim.

Emma arqueou uma sobrancelha, mas não respondeu. Cristina tinha um feitio especial, não havia dúvidas a respeito disto. Emma pensou que, se tivesse tantas dores como ela, com o cancro a devorar-lhe lentamente o corpo e o orgulho, talvez também fosse um pouco impaciente.

Tinha percebido o seu carácter contundente assim que se tinham conhecido, mais cedo nesse dia.

— Não me vai fazer nenhum sermão, pois não? — perguntara Cristina num tom mordaz nessa reunião.

— Fazer-lhe um sermão? — estranhara Emma, apanhada de surpresa.

— Sobre o céu e o inferno e todas as coisas boas que tenho pela minha frente quando isto desaparecer dentro umas semanas ou dias ou horas, se me arrepender. — Olhou desdenhosamente o seu corpo exausto. — A sua predecessora tentou, e é por isso que já cá não está.

— Nunca gostei que me fizessem sermões — replicou Emma. — Não faço aos outros o que não gosto que me façam a mim.

— Isso parece-me uma resposta religiosa — foi a resposta de Cristina.

— Não. É simplesmente bom senso.

Aquilo conquistara-lhe um pequeno sorriso de agrado, mas Emma tinha noção de que continuava à experiência. Talvez o estivesse durante o resto da vida da sua paciente. Já se habituara a ver o juiz ir para a forca em muitas ocasiões.

...



— A Sr.<sup>a</sup> Shaw tem opiniões muito vincadas, não tem? — comentou Emma baixinho para Margie, um pouco depois. Estavam sentadas numa luxuosa sala à saída do quarto, Emma a tratar de alguns papéis enquanto Margie bebericava uma *Diet Coke*. Margie fazia um turno normal das oito às cinco, enquanto as enfermeiras credenciadas tinham sido contratadas para fornecer cuidados vinte e quatro horas por dia a Cristina. Emma cobria o turno das três às onze, de segunda a sexta-feira. Seria uma mudança, ter um horário semanal regular. Margie tinha feito uma pausa para conversar com ela por uns minutos, antes de sair.

— A Sr.<sup>a</sup> Shaw é a lacaia do diabo. Só podia ser como é — disse Margie, encolhendo os ombros.

— Lacaia do diabo? — Emma sufocou o riso. — Referes-te ao enteado? — Já ficara a saber pela reunião com a enfermeira da noite, Debbie Vega, que Cristina não tinha mais família próxima senão o enteado, e que este preferia não se envolver nos seus cuidados diários. O que ocorrera naquela tarde com a chamada telefónica e as cortinas, porém, parecia contrariar a ideia de que Michael Montand não se envolvia em nada. Cada família e paciente eram um caso único, mas toda aquela situação com os Montands era singular até para a Clínica de Cuidados Continuados New Horizon. As enfermeiras da clínica forneciam, tipicamente, cuidados paliativos e conforto a pacientes em estado terminal e também apoio e informação aos membros de família. Trabalhavam na casa das pessoas entre três e quinze horas por semana, mais ou menos, dependendo das necessidades da família. O enteado de Cristina, no entanto, insistira em cuidados de enfermeiras especializadas em cuidados paliativos durante vinte e quatro horas por dia. Emma desconfiava de que ele devia ter feito um considerável donativo à clínica New Horizon, para compensar as circunstâncias altamente invulgares.

Além disso, Michael Montand e a família eram famosos, embora não por algo que fosse familiar ao mundo de Emma. Associava vagamente o nome Montand a carros desportivos europeus e a anúncios publicitários em que figuravam homens e mulheres impossivelmente fabulosos a fazer coisas como bebericar champanhe em eventos de passadeira vermelha e depois a viajar a toda a velocidade por uma autoestrada pitoresca, num carro de alta *performance* Montand, chegando mesmo a tempo de apanharem um iate de partida. Agora que vira aquela casa, Emma pensou que seria adequada a um dos glamorosos anúncios publicitários da empresa Montand.

— Estou cá há duas semanas e nunca vi o Montand. Ouvi dizer que é muito ocupado, mas mesmo assim... — A voz de Margie apagou-se. Olhou

de relance para a porta do quarto entreaberta, mas não havia hipóteses de a paciente a ouvir, mesmo que estivesse acordada. A suíte ocupava todo o piso. As divisões eram grandes e revestidas com tecidos luxuosos e diversas pinturas. Emma ouvia a sua paciente, claro, a partir de um intercomunicador unidirecional pousado em cima da secretária. — A criada disse-me que há outra razão para a distância dele da Cristina. De acordo com todos os relatos, parece que o Montand a odeia de morte.

— Odeia a madrasta? Acho que seria a primeira vez na história — comentou Emma com um sorriso. — Olha que oferece cuidados de alta qualidade, se detesta assim tanto a Cristina — continuou, fechando a tabela e recostando-se para trás na cadeira.

— Diz-se que ele gosta de a ver assim, doente e infeliz. Já perguntei a outras enfermeiras. Ele nunca veio sequer visitá-la, nem durante um dos meus turnos nem durante o de nenhuma das outras enfermeiras — disse Margie num tom sugestivo.

— Isso parece negar o boato, não achas? — perguntou Emma num tom trocista. Margie tinha alguma inclinação para os mexericos e para meter o nariz onde não devia, na dinâmica da família. Trabalhar na mansão de um esquivo multimilionário, um titã dos carros desportivos, só devia ampliar o sentido dramático da rapariga. Mas Emma aprendera a relativizar as coisas em cada novo lar em que trabalhava. Estava ali para fazer um trabalho e aliviar o sofrimento, não para tomar partido em contendas familiares.

— Só quero dizer que, se o Montand nunca vem visitá-la, é porque não gosta assim tanto de a ver sofrer — explicou Emma quando Margie lhe fez um olhar perplexo de não-compreensão.

Os olhos castanho-escuros de Margie dilataram-se.

— Viste o que aconteceu hoje com as cortinas — sibilou, a olhar significativamente para um monitor de vídeo sobre a secretária que mostrava a forma imóvel de Cristina a dormir na cama.

— Sabes que as famílias muitas vezes usam câmaras de vigilância quando têm um ente querido assim tão doente.

Margie revirou os olhos e bebeu um gole do refrigerante.

— O Montand, provavelmente, tem um ecrã no quarto, e no escritório, e no avião privado. Sacana doentio. Está a gozar todos os segundos da morte da madrasta enquanto come chocolates e bebe champanhe na cama.

Emma riu-se baixinho.

— Estás a fazê-lo parecer uma daquelas personagens deprimidas da *Dinastia*.

— É sinistro, estou a dizer-te — insistiu Margie firmemente, a olhar de novo para o monitor de televisão e a imagem de Cristina. — Não tem nada que ver com os nossos trabalhos normais.

— Todas as famílias têm necessidades diferentes — disse Emma, numa tentativa de racionalidade. Olhou em volta da linda sala de estar. — Além disso, há sítios muito, muito mais desconfortáveis e desagradáveis onde se passar os últimos dias e horas de vida — disse ela brandamente. — Ele tem de ser rico como um Rockefeller, para ter uma casa destas. Talvez esteja demasiado ocupado a ganhar dinheiro para vir visitar a madrastra.

— Ele viaja muito em trabalho. Não que tenha de trabalhar, claro. Pelo que me dizem as criadas, herdou a empresa de automóveis do pai, que faz carros desportivos franceses ultrarrápidos.

— Já ouvi falar dos *Montand*. Muito exclusivos. Muito *caros*.

— E ele já tinha fundado a sua própria empresa aqui nos Estados Unidos antes de o pai morrer. Fazem carros de corrida, ou qualquer coisa do género. Ele tem, tipo, meia dúzia de carros na sua garagem ultragigantesca que escavou no penhasco. É uma espécie de parque de recreio bilionário, ou museu. Pelo menos foi o que me disse a Alice, a criada. Ela diz que o Montand é uma brasa, escaldante como o Hades, mas que é tudo um enorme desperdício, porque é um filho da mãe frio e assustador.

— Estou a ver que a Alice o vê bastante...

— *Nunca* — sussurrou Margie. — Ele é paranoico. Não quer ninguém nos seus aposentos privados senão aquele espantalho da Sr.<sup>a</sup> Shaw. Aqueles dois estão bons um para o outro. O cozinheiro também quase nunca o vê. A Sr.<sup>a</sup> Shaw é que vai buscar a comida dele e o serve, a ele e às suas convidadas — disse Margie com um olhar vincado — na sala de jantar.

Emma suspirou.

— Bem, se este tal Montand tem assim tanta animosidade contra a Cristina, só nos faz um favor a todos se se mantiver à distância. Só me interessa saber dele se a Cristina quiser... ou precisar de o ver durante os seus últimos dias.

— É por isso que acredito na opinião da Alice quando diz que ele é o diabo — insistiu Margie antes de reparar no olhar e aceno de aviso de Emma na direção do quarto. Baixou a voz. — A Cristina diz que o enteado é a última pessoa na terra que deseja ver.

Ambas as mulheres pestanejaram quando o telemóvel de Emma vibrou em cima da secretária.

— O cromo da informática? — perguntou Margie, a sorrir.

— Sim — disse Emma, a ler a mensagem do namorado, Colin. — Diz que vai dar uma abada à Amanda no *Modern Warlord*.

Margie revirou os olhos e pegou na sua mala.

— Eles combinam coisas quando tu não estás?

— O tempo todo. São ambos viciados em jogos — replicou Emma, respondendo rapidamente a Colin.

Ergueu a cabeça e captou o olhar penetrante de Margie.

— E eu a pensar que a tua irmã era fixe — disse Margie antes de se dirigir para a porta.

Na noite seguinte, Emma sentou-se numa cadeira estofada ao lado da cama de Cristina e leu-lhe em voz alta uma versão de 1986 da *Vogue*. Tinha sido a paciente a escolher o material de leitura, e depois sorriu o maior sorriso que Emma já lhe vira quando esta descobriu o artigo sobre Cristina. Ficou a saber que ela fora um ícone da moda nos seus tempos. Por duas vezes fora declarada a mulher mais bem vestida do mundo. Fora proprietária de uma chique e afamada loja de moda em segunda mão na Baixa de Kenilworth. Fashionistas do mundo inteiro costumavam acorrer à sua loja, não só para comprar roupas, malas e sapatos ímpares e praticamente não usados mas também para esvaziar os seus próprios roupeiros — presumivelmente, para os poderem voltar a encher outra vez.

— Adoro — disse Emma, pondo a revista de lado e levantando-se para puxar uma das cobertas para trás. Cristina ficara a suar enquanto Emma lia. Os seus mecanismos de regulação estavam a falhar. A pobre mulher estava a enregelar num segundo e a ferver no segundo seguinte. Emma pegou num pano molhado e fresco e levou-o à testa e faces de Cristina. — Nem me consigo imaginar com um guarda-roupa como os que essas mulheres deviam ter.

— Estavam entediadas — disse Cristina com a voz rouca. — Eu estava entediada. Que mais tínhamos para fazer senão reciclar os nossos guarda-roupas? Não podíamos mudar as nossas vidas, por isso mudávamos de roupas... e de maquilhagem e de cabelo. Não resultava, claro, mas ao fazê-lo esquecíamos-nos disso. Por algum tempo. Quanto é que o meu enteado lhe paga? — perguntou ela asperamente, de súbito.

Emma pestanejou enquanto pousava o pano.

— Não é o seu enteado que me paga. É a clínica. Está a perguntar quanto é o meu salário? — clarificou divertidamente enquanto retirava uma froinha molhada da almofada.

— Sim. Acho eu. Quanto ganha por ano?

Emma declarou um número, inclinada a responder com franqueza a uma pergunta franca.

— Não é muito.

— Obrigada por me lembrar disso — replicou Emma secamente.

— Mas, mesmo assim, disse-me que não é casada nem tem filhos. Não tem qualquer desculpa para se vestir todos os dias como uma monitora de campo de férias. — Observou com mais atenção a roupa de Emma. — Não, como *um* monitor de campo de férias — acrescentou com a voz áspera, antes de começar a tossir. Emma levou um pano junto à sua boca, a rir da piada da mulher mais velha. Compreendia a referência de Cristina. Ela já comentara a roupa de Emma, ao serem apresentadas: calças de ganga, uma *T-shirt* justa e o seu par de ténis-botas vermelhos preferido. A sua clínica era simpática por deixar o pessoal usar o que quisesse no trabalho. A maior parte das enfermeiras usava bata, mas Emma preferia a própria roupa.

Emma deitou o pano no saco de plástico vermelho já a transbordar de roupa de cama suja.

— Eu não tenho filhos, mas vivo com a minha irmã mais nova. Ela vai para a Faculdade de Medicina este ano — explicou Emma, a falar como se o ataque de tosse não tivesse acontecido.

— E está a ajudá-la?

— É o seu brilhantismo e as bolsas de estudo que a ajudam. Mas ela vive comigo há alguns anos.

— Diz que os seus pais morreram. Por isso é a Emma que paga a comida da sua irmã, e a sustenta, e paga tudo o que as bolsas dela não cobrem... o que deve ser muito, de certeza... Não tem de responder — disse Cristina após uma curta pausa. — Estou a perceber tudo.

— E eu que pensava que era tão complexa e misteriosa.

— Os mártires raramente o são. É por isso que se veste como uma criada, uma rapariga bonita como a Emma — decidiu Cristina com um exausto ar de conclusão. A sua respiração estava agora mais fácil, mas a tosse cansara-a. — Não pensa duas vezes em coisas como a moda. Olha de nariz espetado para as mulheres que o fazem.

— Está enganada — disse Emma, nada ofendida. Achava interessante, a sagacidade daquela mulher, e sentia que Cristina a respeitava por isso. — E não percebo a sua lógica. Chama-me mártir porque sou um desastre a vestir-me e por causa do meu trabalho.

— Quem senão um mártir faria esse trabalho horrível? — replicou Cristina sem uma pausa, embora a sua fala tivesse começado a arrastar-se.

— Alguém que o adore, claro.

Cristina soltou um ronco de troça. Emma acabou de trocar a fronha e ergueu gentilmente a cabeça de Cristina, para instalar a almofada. Ela recostou-se com um suspiro. Emma começou a verificar a pulsação da sua paciente.

— De facto — continuou Emma quando terminou — sou tão vaidosa quanto pode ser qualquer mulher que trabalhe demasiado, possua um carro que há muito precisa da oficina, para não falar de um lava-louças da cozinha perpetuamente entupido, uma caldeira que acha que «água quente» significa «água tépida» e uma pilha de contas que nunca parece encolher. O que significa que sou bastante vaidosa, na verdade. O desejo tanto nasce com a carência como com o excesso de indulgência.

Cristina soltou uma ténue gargalhada e estudou-lhe atentamente a silhueta.

— Que tamanho veste? O XS?

— O que é que isso tem que ver? — perguntou Emma.

— Temos o mesmo tamanho, ou tínhamos, pelo menos, embora a Emma seja um pouco mais alta. Tenho montes e montes de roupas no meu *closet* ali — disse Cristina, acenando debilmente para uma porta. — Fique com elas. Quero que fique com todas — disse terminantemente, o sotaque agora tão denso e a exaustão tão grande que Emma mal a compreendeu.

Emma cobriu a mão fria e a tremer da paciente com a sua.

— Não. Mas obrigada pela sua generosidade, Cristina — disse suavemente.

Manteve a mão no mesmo sítio enquanto via a mulher idosa sucumbir ao sono.

— O homem foi-se embora sem arranjar a máquina de lavar — disse Emma a Debbie, a enfermeira da noite, depois de se cumprimentarem na zona de estar da suíte. Debbie chegara cedo. — Disse que a peça só devia chegar na sexta.

— Que horror — comentou Debbie, enojada. — O que estás a fazer? — perguntou, quando viu Emma enfiar a roupa no saco com uma luva de latex na mão, remover a luva e depois atar o saco com um nó apertado.

— Lavar a roupa.

- O quê? Não vais levar isso para a tua casa, pois não?
- Claro que não. — Emma sorriu enquanto se dirigia para a porta.
- Nem sequer tenho máquina de lavar e secar.
- Reparou no olhar atónito de Debbie e interpretou-o corretamente.
- Isto é uma mansão — continuou, acenando com uma mão num gesto que dizia «olha para a realidade». — Tem de haver outra máquina de lavar e secar. Provavelmente mais do que uma.
- Não podes pôr-te a andar aqui pela casa!
- Já não temos roupa lavada — disse Emma firmemente. Isto, para ela, resolvia o assunto. Como podia alguém fazer um trabalho de enfermagem adequado sem roupa de cama, panos e toalhas limpas? — Chegaste cedo. Podes começar o teu turno um pouco antes, eu saio um pouco mais tarde, e quando me for embora já tens a roupa lavada — disse ela num tom razoável.
- Não, é melhor esperarmos. Lembro-me de que, quando comecei, a Sr.<sup>a</sup> Ring disse que o Sr. Montand tinha deixado tudo o que precisássemos na suíte — frisou, referindo-se à supervisora. — Ele especificou que não havia qualquer razão para sairmos deste piso.
- Ah, sim? — fez Emma enquanto se ia embora, erguendo o saco de plástico vermelho ao ombro. — Parece-me que estava enganado.

**D**esceu mais um lanço de escadas, sentindo-se um pouco enervada apesar da sua anterior mostra de confiança junto de Debbie. Olhou em volta, pouco à vontade, mas não havia ninguém a quem pedir ajuda. Não mencionara Margie várias outras pessoas que trabalhavam ali, além da Sr.<sup>a</sup> Shaw? Talvez trabalhassem apenas durante o dia...

Diferente de todas as outras casas onde alguma vez estivera, Breakers desafiava o seu intuitivo sentido de orientação. Não havia corredores, percebeu Emma, apenas escadas que davam de um piso para outro. Até àquele momento já tinha encontrado uma fantástica área futurista onde havia um ginásio, campo de ténis e piscina coberta, e um jardim num terraço. Conseguia ver o vapor que se erguia da piscina exterior do outro lado das portas de vidro enquanto atravessava em bicos de pés a área silenciosa e elegante. Não encontrou máquina de roupa no balneário, mas tinha localizado uma conduta que parecia ser para a roupa suja. Só precisava de descobrir aonde aquela conduta ia ter.

Não era, de certeza, ao piso imediatamente a seguir, que se abria para uma fabulosa suíte onde figurava um elegante bar, uma fonte em cascata, um elaborado centro de entretenimento e cadeiras e sofás estofados. Viu mais um espaço exterior do outro lado de uma parede feita completamente de vidro. Vários exemplos de graciosas e sensuais esculturas de mármore prenderam a atenção de Emma. Uma delas fê-la estacar e aproximar-se para a estudar. Sentiu as faces aquecerem quando reconheceu o ato sexual a ser representado. Com um sentimento de culpa, recordou a sua tarefa mundana e retomou a missão.

As alças do pesado saco de roupa suja começavam a enterrar-se dolorosamente no seu ombro. Chegou a um outro piso e hesitou. Ao contrário da maior parte dos espaços que vira, este abria-se para um largo corredor que conduzia a uma porta de madeira trabalhada que estava entreaberta. Uma possibilidade, pensou, ao mesmo tempo que passava o saco para o



outro ombro e fazendo uma careta de dor. Espreitou pela abertura e sentiu a desilusão. Nenhuma lavandaria, nada que lhe pudesse ser útil. Ao contrário da decoração minimalista e arejada da mansão, aquela divisão estava decorada com madeiras escuras, peles e tecidos sumptuosos em tons de borgonha e verde-escuro. Um grande tapete oriental cobria o soalho de madeira. Começou a recuar do que parecia ser um luxuoso escritório masculino.

Estacou.

Havia um monitor de televisão sobre a secretária de madeira entalhada, e um ligeiro piscar no ecrã a preto e branco captou-lhe a atenção. Olhou em volta cautelosamente e entrou na divisão. Um cheiro atraente fez-lhe cócegas no nariz: couro e vestígios de perfume masculino — sândalo e citrinos. Aproximou-se da secretária para ver de frente o ecrã. Viu a imagem da sua paciente, Cristina, a boca um rasgão preto e irregular contra o rosto branco, a despertar de um pesadelo como se se debatesse para se libertar de água a sugá-la. Emma quase a ouviu gritar, embora o monitor estivesse em silêncio. O ombro e o rabo de cavalo escuro de Debbie obstruíram-lhe a visão de Cristina um momento depois, quando ela se debruçou para a ajudar. A voz de Margie ecoou na cabeça de Emma.

*Provavelmente, tem um ecrã no quarto, e no escritório e no avião privado. Está a gozar todos os segundos da morte da madrasta.*

Não *todos* os segundos, segundo parecia, pensou Emma, a olhar, de sobrolho franzido, a cadeira vazia do outro lado da secretária. Observou curiosamente o escritório mais uma vez. Havia qualquer coisa estranha naquele cenário. Reparou em Debbie a acalmar Cristina e a desviar-se para a periferia do ecrã. O puro medo e dor ainda eram visíveis no rosto descaído de Cristina.

— ... Fiquei muito contente por teres ligado há pouco. Porque não tive notícias tuas há mais tempo?

Emma estacou, chocada, ao ouvir a voz da mulher. Por um confuso segundo, pensou que o som vinha do monitor.

— Foste tu que me ligaste — replicou um homem. — E estive fora. Já te tinha dito.

*Passos.*

A adrenalina disparou pelo corpo de Emma, fazendo os seus membros palpitar. Alguém vinha a descer as escadas do piso superior.

O seu coração parou. *Merda.* Estava numa suíte privada. Não no limiar, mas no *meio* da divisão. O pessoal da clínica recebera ordens específicas

para se confinar ao quarto de Cristina. Imaginou-se a gaguejar uma fra-ca desculpa a dois perfeitos desconhecidos a respeito da razão por que se aproximara daquela secretária.

*Vou mesmo ser despedida!*

O seu coração voltou a bater, agora a um ritmo desconfortável. O olhar de Emma viajou selvaticamente pelo grande escritório. Havia uma porta enorme que ponderou abrir, mas e se desse apenas para um problema maior?

— Claro — ouviu a mulher dizer. — França e Itália, desta vez. Não foi o que disseste ao jantar?

— Sabes que eu disse França e Mónaco — replicou o homem, soando demasiado distraído ou impaciente para ser totalmente sardónico. O riso da mulher levou a que sangue quente inundasse o cérebro de Emma e a sua pele se arrepiasse com a necessidade de fugir.

— Calculo que tenhas estado naquele parque de diversões do Niki, com todos os seus brinquedos *flutuantes*, não?

— Eu disse-te que o Niki estava aqui nos Estados Unidos, a testar o carro novo e a ajudar-me nos planos para o Grand Prix. Ah, estou a perceber — continuou friamente. — Tu ouviste-me, sim. Estavas só a testar-me.

*Vão entrar a qualquer segundo e ver-me aqui espetada como uma idiota.*

Emma transformou-se num ser selvagem cujo único objetivo era não ser apanhada. O seu olhar prendeu-se num alto e régio móvel com gavetas em baixo e um grande armário em cima. Abriu a porta, estremecendo com o ruído incontrolável, e enfiou cuidadosamente o saco de plástico da roupa suja no fundo. Totalmente dominada pelo medo e pelo pânico, sentou-se ao fundo do armário e enfiou as pernas lá dentro, com os joelhos encostados ao peito. As mangas e pernas de alguma espécie de roupa roçaram-lhe o rosto antes de mergulhar no interior das peças. Puxando o trinco ao fundo da porta, fechou-a mesmo a tempo.

— O que é que pensas exatamente que vais conseguir, ao tentar apanhar-me numa mentira? — perguntou o homem com sombria diversão na voz agora muito próxima. Uma porta fechou-se com brusquidão. Depois, outro som ameaçador: o clique de uma tranca.

Estavam agora na mesma divisão que Emma. Trancados lá dentro. Ela sentiu o coração a bater tão alto nos seus ouvidos que ficou espantada por o homem — seria o próprio Michael Montand? — não abrir de imediato as portas do armário e arrancá-la do interior, a gritar cáusticas acusações.

Raios, ela ainda não trancara a porta do armário. Tivera medo que

o clique traísse a sua presença enquanto os outros dois se aproximavam. A mão começava a doer de segurar o trinco, mantendo a porta fechada o tempo todo mas não trancada.

— Não estou a tentar apanhar-te. Que ridículo. Só tinha saudades tuas, mais nada. França e Mónaco? Eu diria que tinhas estado nalgum sítio incivilizado. Pareces um selvagem — disse a mulher, a voz a descer para um ronronar. Emma percebeu pela primeira vez que ela tinha um ligeiro e melodioso sotaque francês. Na sua mente, imaginou-a a entrar nos braços do homem. A tocar-lhe. — Um belo selvagem. Faz de mim o que quiseres. Transforma-me também numa selvagem.

— Porque é que tens sempre de ser tão dramática, Astrid?

Emma pestanejou na escuridão. Teria imaginado o tom vagamente frustrado do homem? Apesar do seu pânico, experimentou uma forte vontade de rir. Tinha sido precisamente o que pensara que gostaria de dizer àquela mulher adúltera.

— Porque é que és tão mau? — perguntou Astrid, tentando soar despreocupada e sensualmente brincalhona, quase com sucesso. Emma teve a impressão de que Astrid tinha uma grande experiência no *flirt* e sedução mas estava consciente de não ser bem-sucedida naquele momento.

— Não me ligaste porque querias que fosse simpático.

— Não — sussurrou Astrid após uma pausa. — Tu ainda és pior do que eu, Vanni. E ambos sabemos como sou má.

Vanni? *Quem é o Vanni?* A mulher pronunciara a palavra como *Donny*, mas com um *V*.

Então não estava encurralada na suíte de Montand? Estaria a ouvir a conversa de algum dos seus hóspedes, ou de um membro da família, perguntava-se Emma freneticamente.

— Tens a certeza de que queres fazer isto outra vez? — perguntou ele num tom calmo, ignorando a linguagem provocadora de Astrid. — Já te disse o que te posso oferecer. O mesmo que posso oferecer a qualquer mulher. Não é muito.

— Um dia podes mudar de ideias.

— Nunca.

Uma pausa fértil seguiu aquela resposta de aço.

— Então o sexo é suficiente. *Mais* do que suficiente — sussurrou Astrid. — Ah. Eu *sabia* que tinhas saudades minhas.

A ansiedade de Emma atingiu mais um pico quando ela ouviu o tinar de metal. A fivela de um cinto a ser desapertada? Esperou, receosa. Seria

aquilo o subtil ruído de um fecho a ser puxado? *Merda, merda, merda.* Como raio se fora meter naquilo, logo *ela*, a trabalhadora e prática Emma Shore?

O homem soltou um ronco grave.

— Suponho que, se queres mesmo usar essa boca para alguma coisa...

Ele não soava excitado. Parecia... *o quê?* Irritado? Ou seria aquele negro humor que lhe tingia a voz? Esquecendo a ansiedade por um segundo, inclinou a cabeça para fora das roupas penduradas e aproximou-se mais da porta. Incomodava-a o facto de não saber como ele era. Ocorreu-lhe subitamente que, na sua breve visita à casa, nunca vira quaisquer fotos pessoais ou de família. Mas talvez ele não fosse da família. A imagem de Astrid era clara na sua cabeça, apesar de nunca a ter visto. Não era a sua verdadeira aparência que lhe dava forma, mas o carácter que Emma esboçara livremente ao ouvir a sua xaroposa sedução. O homem, porém, permanecia na sombra, apesar do seu frenético esforço de imaginação para o desenhar. Seria velho? Novo? Severo? Aborrecido? Desejou que ele voltasse a falar, para lhe dar mais alguma pista.

Em vez disso, apenas um tenso e crescente silêncio vibrava no seu cérebro. No momento em que julgou que ia enlouquecer com o silêncio, Emma começou a ouvir os gemidos de Astrid. Eram baixos, excitados... abafados. Não havia dúvida. Ela tinha-o na boca. Na garganta, a avaliar pelo ocasional som de engasgamento.

Outro ruído indesejável entrou na sua consciência, o de uma húmida sucção. Conseguia imaginar os movimentos da cabeça da mulher enquanto ela chupava para a frente e para trás o pénis do homem — Vanni —, e a sua imaginação era alimentada pela cadência e pelo volume dos gemidos sufocados de Astrid.

Contra a sua vontade, sentiu um formigueiro de excitação no seu próprio sexo.

Com as faces a escaldar, Emma cerrou os olhos com força, como se isso encerrasse todos os seus outros sentidos. Sentia-se ao mesmo tempo culpada de violar a privacidade do desconhecido durante um momento de intimidade, mas também de se violar a si própria, num certo sentido. Crescia dentro dela um intensa vontade de abrir as portas e sair dali — e que se lixasse o seu emprego *e* o seu orgulho.

Mas não podia sair dali no meio *daquilo*.

Os minutos arrastavam-se. Os gemidos da mulher iam-se tornando mais audíveis e mais excitados. O homem tinha razão. Ela falava demasiado.

Ou gemia demasiado. *Porque é que não se calava? Estava a fazer-lhe sexo oral a ele, não o contrário.*

*E porque estava ele silencioso como um túmulo?*

— Basta — disse o homem em voz baixa, e, mais uma vez, Emma espantou-se com a forma como ele dizia em voz alta o que ela estava a pensar. Sentiu a pele do pescoço e dos braços arrepiar-se de receio e expectativa. Não saber o que ia acontecer a seguir — não ver — estava a enlouquecê-la.

Os suaves arquejos de Astrid penetravam o painel de madeira.

— Vai para o quarto e despe-te. Toda — concluiu.

— Mas...

— Esta noite não me apetece fazer de público para o teu desfile de *lingerie* do costume. Já todos sabemos que és linda, Astrid. Vou ter contigo dentro de alguns segundos — disse em voz mais baixa após uma pausa, como se se arrependesse da sua brusca interrupção e fatigado sarcasmo.

Astrid não respondeu. Estaria mistificada? Se estava, não o expressou. Qualquer coisa fez Emma intuir que a contenção não lhe era natural. Vanni era supremamente confiante, mas Astrid parecia quase tão habituada como ele a ter tudo o que queria. O seu comportamento não era o habitual, pelo menos, completamente. Estava a conter a sua fúria.

Por ele.

Ouviu o som de uma porta a abrir-se. Então... o grande escritório estava ligado à suíte dele? Emma inclinou-se o máximo que conseguia para a porta. *O que estava ele a fazer ali?* Quanto mais depressa se juntasse à sua parceira e começassem, mais depressa ela conseguiria escapar daquela situação ridícula. Nem sequer se julgava capaz de contar aquele fiasco a Amanda ou a Colin, de tão humilhante que era, e contava quase tudo à irmã e ao namorado.

No entanto, nunca tivera nada tão incendiário para contar.

Um momento mais tarde, ouviu um ligeiro guincho no soalho de madeira e passos. O passo dele era longo. Desapressado.

— Vem cá. Vou amarrar-te à calha e depois usar o açoite — disse.

A boca de Emma caiu.

— Tudo o que quiseres. — A reserva da resposta de Astrid encontrava-se apenas à superfície. Por baixo dela, gotejava uma avidez que chocou Emma até ao âmago.

*Oh, não. Que espécie de cenário retorcido e perverso era aquele? E porque é que aquele degenerado não fechava o raio da porta do quarto?*

No entanto, ela não queria que o fizesse. O que tornava toda aquela situação ainda mais incendiária do que aquilo que podia mensurar.

Ouviu qualquer coisa que soava como metal pesado a ser movido e disposto no chão. Os músculos de Emma ficaram tão tensos que começaram a doer. A sua mão gritava de aguda dor, protestando contra a força com que segurava o trinco da porta. Ansiava por o soltar. A curiosidade acicatava-a agudamente. Atrever-se-ia a espreitar e verificar a localização do par no quarto? Podiam estar agora a metros de distância.

O som de couro contra carne cortou a tensa infelicidade de Emma. *Oh, Jesus*. Eles estavam perto. Muito mais perto do que tinha imaginado. Era quase como se mal se tivessem afastado da porta. Emma mordeu o lábio, em crescente sofrimento. Outro estalido. Na pausa que se seguiu, ouviu Astrid gemer:

— Oh, isso sabe tão bem. Sim, *dá-me*.

— Silêncio — exigiu ele. Mais uma vez, o som de couro a atingir carne. Outro. Astrid gritou.

Emma não aguentava mais. Sabia o que era S e M. Quase toda a gente sabia, hoje em dia. Quase se tornara um cliché na sociedade moderna. Referências ao assunto costumavam ser recebidas por Emma com um sorriso trocista ou um revirar de olhos.

Mas, ali sentada, a experienciar os sons de uma mulher a ser, de sua livre vontade, chicoteada com o objetivo da estimulação sexual, ouvir o elástico estalido de couro contra pele nua e os gemidos de Astrid, sentir a inexplicável tensão e eletricidade no ar...

... nada daquilo lhe parecia sequer *remotamente* engraçado.

O pior de tudo, o mais humilhante? Uma espessa sensação de calor instalara-se no seu sexo. O que se passava com ela? Havia dois anos que partilhava com Colin uma satisfatória vida sexual, mas a intimidade com ele nunca inspirara aquela intensa, inegável e *desconfortável* excitação.

O que ele estava a fazer era humilhante. Não era? Tendo em conta a óbvia excitação de Astrid, era um pouco difícil rotulá-lo.

Começou a entreabrir a porta, dizendo a si mesma que precisava de ver, para conseguir fugir. Parou quando os sons do chicote também se interromperam.

— Oh, meu Deus, Vanni. *C'est si bon* — disse Astrid com a voz trémula. Emma engoliu em seco. Ele estava a tocar-lhe. A dar-lhe prazer, de alguma forma. Pelo menos, era o que soava.

— Eu mandei-te ficar calada — disse ele, o seu tom paciente naquelas circunstâncias a confundir Emma.

Mais uma vez, o estalido seco. O som começava a rasgá-la, deixando a

sua própria carne a latejar. Era insuportável. Tinha de sair dali a qualquer custo. Contendo a respiração e proferindo uma oração, abriu a porta do armário uma fração de centímetro. O ar fresco roçou-lhe o rosto quente.

Parou, estacando por um momento de horror. Conseguia *vê-los*. Ou uma parte deles, pelo menos. Não *eles*, sequer. Apenas a mulher. Estava *mesmo ali*, talvez nem a cinco metros de distância. Emma moveu a cabeça, sem respirar, tentando obter uma imagem mais completa pela abertura da porta do armário. Astrid estava nua e de gatas, ajoelhada e amarrada com corda preta a uma espécie de barra que se erguia de um suporte de metal sobre o tapete. O cabelo de Astrid era comprido e escuro — quase preto, lustroso e enrolado em ondas soltas. Naquela posição, cobria-lhe o rosto. O seu corpo nu era voluptuoso, a pele dourada, beijada pelo sol, brilhante e impecável à suave luz do candeeiro. Claramente, fazia os banhos de sol em *topless*. O rabo era pálido, ao lado da pele dourada, mas não havia marcas brancas em volta dos seus seios. Cerca de uma dúzia de tiras de couro preto aterraram numa nádega curva, fazendo Emma dar um pulo. Astrid soltou um grito agudo. Tudo parecia tão estranho... tão *deliberado*. A quase palpável excitação de Astrid confundiu Emma ainda mais.

A curiosidade acicatava-a. Inclinou-se para ver o homem que segurava o açoite. Ele devia estar ajoelhado atrás da mulher amarrada, mas a porta da suíte impedia-a de o ver. O açoite voltou a cair sobre a carne voluptuosa. Desta vez, Emma conseguiu entrever a mão e o antebraço masculinos que conduziam o cabedal com tanta segurança. O som áspero das pontas de couro combinou-se com o gemido alto de Astrid. Emma pensou que não parecia ter sido um golpe duro, embora o traseiro de Astrid estivesse com um tom rosado.

Vanni fez uma pausa, pousando a mão que segurava o açoite no alto de uma nádega. Emma viu a outra mão dele a mover-se, esfregando a outra nádega, como que a acalmar o ardor. Mordeu o lábio com força. A visão provocara um agudo ferrão de excitação proibida pelo seu corpo, o que a chocou. A grande mão masculina movia-se, acariciando ancas e costelas. Viu Astrid tremer visivelmente de prazer sob o toque. A mão dele acariciou de novo as nádegas rosadas e depois desceu entre as pernas de Astrid. Astrid fez um som sufocado ao fundo da garganta. Abriu a boca.

— Controla-te — avisou-a ele em voz baixa. — Sabes que isso me agrada mais do que a tua histeria.

Astrid conteve um gemido. Ávida por saber o que Astrid estava a experienciar naquelas bizarras circunstâncias, Emma virou-se um pouco junto

da pequena abertura da porta. Astrid voltara a cabeça, fazendo o cabelo cair-lhe da face. Emma nunca tinha visto uma mulher tão bela, tirando a sua irmã, Amanda. Mas não foi apenas na sua beleza física que Emma reparou. O rosto dela irradiava puro êxtase. O que raio lhe estaria Vanni a fazer para evocar tanto prazer? Tinha os olhos cerrados com força. Os lábios rosa-escuros abriam-se como que em câmara lenta. E começou a gemer, o som agudo a sobressaltar Emma. As ancas dela começaram a balouçar para a frente e para trás a um ritmo frenético, os seios generosos a balouçar com o movimento.

— Fode-me, Vanni. Fode-me com esse teu lindo pau.

O açoite caiu, desta vez com mais força. Atingiu-a outra vez, e outra. Emma sufocou um pequeno gemido. Astrid obrigava-se a ficar calada, mas o brilho radiante na sua face parecia cada vez mais forte.

O açoite continuava a cair, como que em retaliação pela falta de controlo de Astrid.

Emma não aguentava mais aquilo. Passou um braço sobre a cintura e substituir uma mão pela outra, aliviando a tensão nos músculos doridos. Puxou a porta e enterrou as faces quentes contra a parte superior do braço, rezando para que aquilo acabasse e ela ficasse livre daquele momento horrível... daquela torturante tensão. O seu sexo estava dorido e quente. Ansiava por se tocar para aliviar a pressão, mas a noção de que estava excitada naquelas circunstâncias já era suficientemente horrível. Não era apenas a vergonhosa excitação que experimentava, mas um louco desejo de fuga, de escapar àquela situação insustentável.

Nunca se sentira tão impotente em toda a sua vida.

O som do açoite interrompia-se de vez em quando, e os loucos gemidos de excitação de Astrid tornavam-se cada vez mais altos e desesperados, perfurando implacavelmente a desprotegida consciência de Emma. Já não precisava de os ver para ser afetada pelas suas ações. Ele estava a tocar na mulher, durante aqueles momentos, fazendo aumentar o seu prazer.

Odiou-os. Odiou-o por a obrigar a aturar aquilo, embora soubesse, nalguma distante parte do seu cérebro, que a culpa era apenas sua.

O pior de tudo era que ela queria ver mais. Ansiava por *vê-lo*.

— Por favor, por favor... fode-me — suplicava Astrid loucamente.

Quando o som do açoite cessou, Emma ergueu cautelosamente a cabeça, sentindo tecido de algodão roçar-lhe a face, e ficou com medo de respirar, no tenso silêncio que se seguiu. Depois ouviu um som como que de um pedaço de metal a ser movido... um gancho solto.



— Ah, sim. Sim — gemeu Astrid selvaticamente um momento depois.

— Isto não é para ti — rosnou ele. Soava irritado. Intimidante, mas também... *resignado*?

*Porquê?*

Emma sentia-se como se estivesse prestes a explodir de uma fervente emoção que não sabia nomear. Tinha a boca seca. Doía-lhe a garganta, talvez de estar durante tanto tempo a conter um grito de frustração e excitação.

Astrid gemeu alto, mas foi o rouco e mais contido grunhido dele que fez a cabeça de Emma erguer-se de súbito, como se alguém a tivesse chamado especificamente. As roupas agitaram-se com o movimento abrupto. Ouviu-se um ligeiro raspar dos cabides de metal no roupeiro, mas Emma estava demasiado ansiosa — demasiado focada — para se assustar.

O que estava a acontecer? O que estaria ele a fazer? Começava a ficar muito calor no armário. Sentia a garganta seca e a arder.

Um som estranho começou a entrar nos seus ouvidos... um som como... *o quê?* Metal em movimento, a deslizar? Ouviu os já conhecidos gemidos de Astrid, agora mais altos. Reconheceu de imediato o outro som: pele a bater contra pele, num ritmo firme e primitivo. Foi percorrida por uma chama, o produto do estranho casamento de humilhação e excitação que experimentava. Não se deu autorização para se mexer. De súbito, a porta estava novamente entreaberta e ela estava a espreitar pela abertura.

Olhou durante vários segundos, fascinada com o que estava a ver. O corpo nu e amarrado de Astrid a ser empurrado contra o metal num ritmo duro, como um êmbolo, a ação completamente fora do seu controlo. O lascivo som que Emma reconheceu vibrava no ar, impossível de ignorar...

... o som de uma dura e implacável foda.

Quando finalmente assimilou tudo aquilo, Emma mordeu o lábio até lhe doer.

A intencionalidade do que estava a acontecer, a precisão, a pura lascívia eram chocantes. Astrid continuava quase de gatas sobre o suporte de metal. Os joelhos apoiavam-se num banquinho almofadado, os pulsos estavam presos numa barra em T, também almofadada. As mãos grandes do homem agarravam-lhe as ancas. A pele dele era mais escura do que a dela — de um castanho-dourado. Emma viu um grosso e comprido polegar a enterrar-se na carne rosada de uma nádega. Ele movia-a para trás e para a frente contra o seu pénis com fluida e mecânica facilidade.

O mecanismo devia ter estado trancado para não se mover enquanto

ele a chicoteava, mas agora ele soltara-o. O aparelho fora concebido para aquilo, para o exclusivo propósito de lhe permitir total controlo do corpo de uma mulher enquanto a fodia. Astrid podia deslizar para a frente e para trás sobre a calha com um gesto da mão dele. Em vez disso, Vanni martelava-a contra o seu pau. Depois agarrou os dois apoios sobre o banco onde ela estava ajoelhada. Astrid disparou para trás e para a frente ao encontro dele, gritando de desinibido e frenético prazer.

O tempo pareceu desmoronar-se para Emma, e, no entanto, o momento parecia não ter fim. Apesar do seu olhar curioso, ainda não o conseguia ver totalmente, com a porta do quarto a bloquear-lhe a visão. À medida que a excitação do casal crescia, porém, ele moveu-se ligeiramente para a frente. Emma sentiu o ar nos pulmões a arder, quando vislumbrou a sua imagem parcial. Viu de relance a frente das suas ancas musculadas e um abdómen firme e esculpido. Viu os antebraços musculados e viu brevemente um grande, brilhante e firme pénis. Nunca lhe conseguiu ver o rosto, e, no entanto...

*Ele era tão lindo.*

O pensamento parecia ter vindo de outro sítio qualquer. A própria Emma estava demasiado perturbada e confusa para o ter pensado. Demasiado arrebatada para criticar a sua admiração de um homem que fazia amor com uma tão fria e metódica precisão.

*Como lhe podes chamar fria quando não apenas Astrid mas também tu estás a ferver?*

Aproximou-se mais, hipnotizada, com o nariz a tocar a dura extremidade da porta de madeira. O ar fresco roçou-lhe a face a esquentar. Ele usava um preservativo que brilhava ou da lubrificação ou dos sucos de Astrid. Devia ser a última hipótese, tendo em conta a excitação sexual da mulher. Ele tinha tirado a camisa, mas nem sequer removera por completo as calças pretas, percebeu ela. Ousadamente — furiosamente — Emma abriu um pouco mais a porta, mas depois recuou de imediato, assustando-se, quando Astrid falou.

— Por favor... *por favor...* posso-me vir? — suplicava, com voz trémula, a arfar, enquanto Vanni a martelava contra o seu pénis sem interrupção.

— Faz o que quiseres — disse ele com a voz áspera, e, mais uma vez, Emma sentiu que o seu tom cortante contrastava com uma cansada resignação. Quase conseguia ouvir o que ele não tinha dito. *O que tu fazes não me interessa.*

*Nada me interessa.*

O homem inclinou-se ligeiramente para a frente e Emma viu de relance os seus poderosos bíceps fletidos. O que era aquilo no mais afastado? Uma tatuagem... simples, alguma espécie de símbolos japoneses ou chineses?

Astrid começou a gritar, no clímax, a agitar a cabeça. Ele aumentou os movimentos a um ritmo perverso. Apenas um homem muito forte conseguiria fazê-lo. As mãos cerradas nos punhos de metal, os bíceps dilatados, o pénis a martelar como um pistão bem oleado.

Ele estava a foder-se a si próprio, a masturbar-se usando a carne de

uma mulher. Mas não estava Astrid a fazer o mesmo, a dar-se prazer egoisticamente usando o dele? Era tão errado, tão distante da experiência de Emma, tão chocante... tão excitante.

Os caóticos pensamentos de Emma foram interrompidos quando, de súbito, ele lançou a cabeça para a frente e rugiu. Era o som mais eletrizante que alguma vez ouvira. O cabelo caiu também para a frente, bloqueando-lhe o rosto. Era castanho, com fios dourados pelo sol, belo e selvagem. Provavelmente chegar-lhe-ia uns centímetros abaixo do queixo, quando ele levantava a cabeça. Ele grunhiu, os músculos fletiram-se com força, enormes, o corpo tornou-se rígido. Os guinchos e gritos de Astrid dissolveram-se no ribombar nos ouvidos de Emma. Um enorme arrepio percorreu o corpo poderoso do homem.

Ele não se moveu, não respirou, não proferiu mais nenhum som enquanto se vinha.

Nem Emma, enquanto olhava de boca aberta aquele homem — Vanni — que trancava daquela forma a detonação na sua carne.

O pânico e a confusão evaporaram-se. O seu sexo continuava tenso. Emma trocou novamente de mão, aliviando a dor de manter a porta fechada, e deixou-se descair para trás no armário escuro. Devia ter continuado louca de ansiedade nos momentos seguintes, mas alguma coisa dentro de si se alterara ao ver aquela imagem dele, incompleta, perturbadora e, no entanto, altamente atraente.

Perdeu a noção do tempo e da bizarra realidade da sua situação. Uma dormência instalara-se dentro de si.

Alguma coisa lhe tinha acontecido dentro daquele armário, e não sabia o que era.

Ainda os ouvia. Como podia não ouvir, perto como estavam e sabendo que dos movimentos deles dependeria a sua fuga?

Após um incomensurável período de tempo, os seus mais distantes e esporádicos murmúrios silenciaram-se. Os minutos arrastaram-se sem que Emma ouvisse um som. Por fim, ousou abrir o armário meio centímetro e espreitar cautelosamente. Não só o quarto estava às escuras como toda a luz no escritório se extinguiu. A única exceção era o monitor sobre a secretária. Lançava uma débil luminescência azulada e fantasmagórica sobre a sala escura. Tudo estava em silêncio.

*É agora. Vai.*

No momento em que se galvanizava para entrar em ação, viu uma sombra alta aparecer subitamente à entrada do quarto — aparecer e desaparecer. Saltou ligeiramente, o ar a entrar bruscamente nos seus pulmões com o súbito choque de o ver. Com a sua surpresa, agitara as roupas. Sentiu os membros perderem as forças quando ouviu o sutil som metálico dos cabides a moverem-se na calha por cima dela. Os passos dele abrandaram a poucos metros do armário.

*Oh, meu Deus, ouviu-me.*

Esperou, e o horror instalou-se nela como uma névoa, a arrear-lhe e a queimar-lhe a pele, mas não se mexeu. Não respirou.

Um ou dois segundos depois, ouviu o som mudo da maçaneta da porta da suíte a girar.

*Não. Ele não me ouviu.*

Tinha sido a sua imaginação ultrasensível.

A porta a fechar-se atrás dele fez um som abafado e misterioso, como o segredo de um amante a ser sussurrado na escuridão.

A insónia estava a piorar. Por mais que ele se aprofundasse em trabalho, ou passasse tempo na sua oficina, ou se exercitasse, já não conseguia acalmar o cérebro. O sexo, em tempos, também o ajudara a descansar. Mas o resíduo enjoativo que parecia permear a sua vida estava agora a estragar até esse primitivo e fundamental aspeto da sua existência. Oh, ainda sentia prazer físico, mas, ultimamente, era como se estivesse a representar uma paródia do ato sexual, enquanto parte dele parecia ficar a observar a sua desinspirada *performance*, enojada e divertida com a sua pobreza.

Cínico e entediado... cansado, e ainda nem sequer tinha trinta e um anos.

Tivera grandes esperanças de que, como o seu pai, a depressão não se instalasse antes dos quarentas. Mas, afinal de contas, o seu pai não tinha conhecido Cristina aos oito anos, como ele. Fora nessa altura que ela entrara na vida de ambos como um veneno. Segundo a maioria das opiniões, ele era o grande sobrevivente da família Montand, no apocalíptico mundo pós-Cristina.

Não que houvesse nisso uma grande vitória.

Atravessou silenciosamente a sala e passou pelo bar, lembrando-se de que tinha deixado o decantador de *brandy* na sala de jantar. Um momento mais tarde, desligou as luzes e parou em frente das janelas do chão ao teto

com um balão de *brandy* na mão, a olhar a vasta extensão de água que não conseguia ver na noite escura.

A escuridão pressionava-o. Chamava-o.

Foi distraído por uma estranha presciência. A pele nua do seu tronco arrepiou-se. No reflexo do vidro, viu movimento. Deixou-se ficar perfeitamente imóvel.

Os seus pensamentos mórbidos desvaneceram-se quando viu a rapariga subir as escadas à distância. O que estava ela a fazer? Onde tinha *ido*? Pedira especificamente que o pessoal de enfermagem se confinasse ao nível de Cristina, pensou com irritação.

A sua silhueta era tão ligeira, os pés tão rápidos, os passos tão silenciosos que era como se estivesse a ver uma criatura sobrenatural em fuga. Viu-a voar pelas escadas acima, com o seu saco vermelho de fada ao ombro. Curiosidade e divertimento substituíram o seu breve acesso de fúria. Ela tinha as costas e ombros muito rígidos e eretos, como que a dizer que, embora estivesse a fugir, o fazia com orgulho. Com um desafio? A empinar silenciosamente o nariz ao mundo mortal?

A sua boca rígida suavizou-se com aquele incharacterístico pensamento fantasioso.

Ela não era inteiramente como uma fada. Não, acabara de a reconhecer pelas costas — aquele porte ereto, aquela cativante e graciosa curva que conduzia de uma cintura estreita às ancas redondas. Não reparara nela naquele dia porque estivera a supervisionar a instalação de um equipamento novo na sua fábrica em Deerfield, mas vira-a na véspera no monitor de Cristina. Só de passagem... breves relances antes de ela ir descaradamente abrir aquelas cortinas.

*Emma Shore.*

Perguntara na véspera o nome da prevaricadora à Sr.<sup>a</sup> Shaw, e lembrava-o agora.

Tinha pensado que ela era bonita, de uma forma não convencional, antes de o irritar abrindo aquelas cortinas. Um ar interessante. O cabelo louro-dourado era relativamente curto, fazendo-o lembrar do estilo que as mulheres da década de 1920 costumavam usar, arrapazado e a destacar-lhe a forma do crânio. Sugería um espírito inconformista — ou, pelo menos, uma mulher que queria que os outros *pensassem* que era diferente, de qualquer maneira. Tocava-lhe o colarinho na parte de trás, enquanto as ondas de aspeto macio na frente emolduravam idealmente um rosto delicado e picante. Não conseguia perceber no monitor a cor dos olhos dela, mas

reparara que pareciam grandes e escuros, contra a pele e o cabelo pálidos. Tinha uma inclinação no queixo e um sorriso alegre que combinavam bem juntos. A maior parte das pessoas não conseguia ter um ar de arrojo e doçura, mas ela conseguia. De alguma forma. Ou, pelo menos, fora a sua rápida impressão.

Ele pensara, com efeito, que o rosto dela parecia demasiado jovem e fresco, em contraste com a voluptuosa e madura firmeza do seu rabo. A sua silhueta era ligeira e ágil, e a graciosidade do seu movimento prendera-lhe a atenção.

Não que tivesse estado a espiá-la. Era apenas difícil não reparar nela no ecrã, mais nada. Qualquer homem heterossexual teria olhado duas vezes. Qualquer homem heterossexual com bom gosto teria olhado mais do que isso.

Agora devia ir atrás dela e exigir uma explicação para a intrusão na sua casa.

Contudo, continuou sem se mover. Ela irritara-o, mas a sua aparição também o aligeirara, refrescara-o como uma baforada de ar marinho após uma noite de deboche.

Ficou de olhos fixos no lago negro, perdido em pensamentos que, pela única vez, nos últimos tempos, não eram amargos e taciturnos.

No final do seu turno, na noite seguinte, Emma entrou no quarto para se despedir de Cristina, mas a paciente adormecera enquanto fazia o seu relatório a Debbie, a enfermeira noturna. Emma parou ao lado da cama. Cristina parecia ainda mais encolhida do que o costume, e a sua pele parecia pergaminho seco e cinzento demasiado esticado sobre o osso. O principal objetivo de uma enfermeira de cuidados paliativos é tornar os últimos dias da vida de um paciente o mais confortáveis e satisfatórios que for possível. Descobrir o que isso significava no caso de Cristina estava a provar-se um desafio para Emma. Sentia que sua alma estava pesada. Libertá-la daquele peso — mesmo que apenas um pouco — talvez a ajudasse a facilitar a sua saída deste mundo.

— Boa noite, Cristina. Durma bem — sussurrou Emma antes de se voltar para sair do quarto em silêncio.

— A culpa foi tua. Sabias o que eu conseguia aguentar e o que não conseguia. *Tu* conseguias ainda menos.

Emma pestanejou e deu meia-volta ao ouvir a voz agitada pela morte.

— Cristina? — sussurrou, confusa por ver que a paciente não se movera da sua posição adormecida. Virou-se novamente para partir, após uma pausa. Cristina tinha o sono cada vez mais perturbado, pesadelos, ocasionais alucinações.

— Era demasiado para mim. Não apenas um, mas *dois!* Sabias tão bem como eu que não era talhada para isso. Por isso arranjaste uma mártir. Que culpa tenho se ela morreu? E depois tiveste a lata de pensar que me ia transformar nela da noite para o dia e a ia substituir, filho da mãe!

Emma sobressaltou-se com o grito venenoso. Correu para Cristina, que estava agora a contorcer-se na cama, com os dentes cerrados à mostra, como se rosnasse, os braços agitados.

— Eu trato disto — disse Debbie, aparecendo ao lado de Emma enquanto esta segurava gentilmente os braços da paciente e falava em tons



firmes e tranquilizadores, tentando fazer Cristina regressar ao mundo real.

— Acho que ela está bem — disse Emma ao fim de um momento, quando Cristina começou a acalmar-se. Mas fios invisíveis do pesadelo da paciente pareciam continuar a roçar em Emma... a agarrar-se à sua pele.

Esperou que Cristina se acalmasse e adormecesse antes de sair do quarto e ir buscar a sua mala. Reparou na pilha de toalhas limpas em cima de uma mesinha.

A visão fê-la recordar-se do seu deambular pela casa na noite anterior, de ter ficado presa naquele armário. *Montes* de coisas suscitavam aquela memória. *Quase tudo*, de facto, lembrou Emma a si mesma, sombriamente, enquanto procurava a chave dentro da mala. Fugira, finalmente, àquela experiência miserável e correria para o carro, e o saco da roupa suja ainda pendurado ao ombro era como um inexplicável artefacto trazido de outro mundo.

Testemunhara muita dor, na sua vida, e compreendia as complexidades e os paradoxos da perda. A morte transformava os vivos. Mudava-os, quer o quisessem quer não.

Também *ela* mudara, de alguma forma, na noite anterior, ao respirar o singular odor masculino agarrado às roupas penduradas no armário, ao escutar os sons de excitação sexual que vibravam nos seus ouvidos. Fora alterada, não pela morte, mas por algo que achara bem mais perturbador. Todo o estranho incidente a perturbara de uma maneira que não conseguia nomear. Alguma coisa abalara o seu mundo confortável, e culpava o homem — irracionalmente, sabia-o — por esse terramoto.

Não quisera que Colin lhe tocasse, na manhã seguinte, quando ele passara pela sua casa antes de apanhar o comboio para o trabalho, um facto que a confundia quase tanto como confundira o namorado. Não o via desde sábado à noite, afinal. Tudo bem, a sua relação física acalmara um pouco, ultimamente — e também nunca fora fogo de artifício, desde que tinham começado a ir para a cama, dois anos antes —, mas, normalmente, ficava contente por ver Colin, e gostava de exprimir a sua afeição.

Como forma de se castigar pelo seu estranho comportamento e a sua incapacidade de desligar do cérebro o homem de Breakers e as suas perversões, sentenciara-se a trabalhos forçados. Fora à lavandaria, naquela manhã, uma das coisas que mais detestava, e terminara o que deixara por fazer na noite passada.

Nesse dia, tinha sido difícil regressar a Breakers, depois do «incidente

do armário», como começara a chamar-lhe na privacidade da sua mente. Porém, quando lá chegou, mergulhar no trabalho ajudou, como sempre. Não dormira bem, depois de regressar a casa, na noite anterior. Exausta como estava, a única coisa que desejava era um sono profundo e sem sonhos, um repouso abençoadamente destituído da inquietante imagem daquele homem — Vanni — a bloquear o seu clímax como se julgasse não merecer o prazer.

Quem era ele? Um convidado de Montand? Um parente?

Dava constantemente pela sua mente a divagar, a fazer pequenas excursões imaginárias pela mansão, a procurá-lo. Estaria na mansão naquele momento? O que estaria a fazer? Perguntara a Margie, naquela tarde, de uma forma deliberadamente desinteressada, se havia quaisquer outros habitantes na casa além de Montand. Margie respondera que apenas Michael Montand vivia ali a tempo inteiro — embora estivesse atualmente fora, tanto quanto sabia. Nem a Sr.<sup>a</sup> Shaw nem as duas empregadas domésticas, o jardineiro e o cozinheiro dormiam na casa. Mas Alice, a criada, dissera a Margie que Montand costumava receber pessoas. Ocasionalmente fazia grandes festas, frequentadas por afluentes convidados do mundo inteiro.

Então, quem era Vanni, e qual a sua relação com Montand? Ou talvez a sua suspeita original estivesse certa e eles fossem um e o mesmo homem.

*Não. Não podiam ser. Isso não fazia qualquer sentido.*

*Para de pensar nele. Foi frio e desprendido numa coisa que devia ter sido íntima. Era um homem doentio, estranho.*

*Não, contrariou outra voz na sua cabeça.*

Ele sofria. E alguma coisa nele chamava por ela...

Uma boa noite de sono acabaria com as suas estúpidas obsessões. Pendurou a mala ao ombro e dirigiu-se para a saída. Depois estacou, contendo a respiração.

— Oh, meu Deus, assustou-me — disse Emma à Sr.<sup>a</sup> Shaw, que estava parada à entrada da suíte.

— Vim buscá-la. O Sr. Montand quer dar-lhe uma palavra — declarou a mulher, sem sorrir.

Ela ficou de boca aberta.

— A... a *mim*? O Sr. Montand? Porquê?

— Não me disse as razões, mas suponho que seja a respeito do seu trabalho aqui. Ele é muito cuidadoso em relação aos cuidados da madrastra — disse a Sr.<sup>a</sup> Shaw com um minúsculo sorriso empertigado.

— Entendo — anuiu Emma, embora não entendesse. Tanto quanto

sabia, Montand nunca falara individualmente com nenhum membro da equipa de enfermagem. As suas expectativas tinham sido discutidas com o Dr. Claridge, que era o médico da clínica, e Monica Ring, a enfermeira-chefe. Foi percorrida por um arrepio de ansiedade. E se aquele pedido estivesse de alguma forma associado com o incidente do armário? Estaria prestes a ser repreendida ou acusada? Sentiu o coração começar a bater desconfortavelmente no seu peito.

Só havia uma forma de descobrir.

— Tudo bem. Estou pronta — disse bruscamente, içando a mala mais para cima no ombro.

Seguiu uma silenciosa Sr.<sup>a</sup> Shaw pelas escadas abaixo, passando pelo luxuoso ginásio e a piscina interior, com o coração a bater mais alto nos seus ouvidos a cada passo que dava. A Sr.<sup>a</sup> Shaw saiu da escadaria no nível seguinte. Conduziu Emma para a luxuosa sala de estar que ela vira na noite anterior, a espessa carpete marfim a silenciar-lhes os passos. Emma quase sentia a desaprovação e aversão a emanar da figura magra e rígida da governanta.

A Sr.<sup>a</sup> Shaw parou em frente de uma porta e abriu-a.

— Está aqui a menina Shore — anunciou para alguém na divisão.

Desviou-se para o lado e lançou a Emma um olhar de repugnância, antes de lhe fazer um sinal com a cabeça para entrar. Já com o coração preso na base da garganta, Emma passou pela Sr.<sup>a</sup> Shaw para entrar na sala. Teve uma breve mas vívida impressão de uma fabulosa sala de jantar que consistia quase inteiramente de preto, branco e cristal. Um enorme louceiro modernista branco e uma estrutura de bar dominavam a parede mais próxima. A longa mesa de jantar era feita de jacarandá africano e estava rodeada por mais do que uma dúzia de elegantes cadeiras de jacarandá estofadas de branco. Dois grandes candelabros de cristal pendiam sobre a mesa. A parede oposta consistia em quente tijolo de tons beges e avermelhados, destacando o luxo frio e as linhas elegantes da sala. Na parede de tijolo havia uma enorme pintura que ela reconheceu, meio aturdida, como uma representação modernista de um motor.

Ouviu a porta fechar-se e olhou por cima do ombro. A Sr.<sup>a</sup> Shaw tinha desaparecido.

Emma virou-se para o único habitante da sala. Estava sentado à cabeceira da mesa virada para a parede de vidro com vista para o lago Michigan. Durante alguns segundos ficou simplesmente ali parada, sem palavras. Ele combinava com a sala, em todos os sentidos. Usava um *smoking* preto com

despreocupada elegância. O cabelo castanho não era necessariamente curto, mas também não era comprido. Uma mulher podia facilmente encher uma mão com a sua glória. Era espesso e ondulado e estava penteado para trás. Uma pera escura e muito curta parecia enfatizar a boca sensual. Todo ele era linhas precisas e ousada masculinidade: um queixo angular, ombros largos, bonito nariz grego. A única coisa em que não combinava com a imaculada e fabulosa sala era na forma como a sua gravata estava solta e o colarinho da camisa branca desabotoado na garganta.

Era ainda mais atraente do que os atores contratados para conduzir carros e beber champanhe para os anúncios da sua empresa. Impossível.

— Bom, não fique aí parada — disse ele, com uma mera sugestão de impaciência no tom de voz. Pousou o garfo que tinha na mão. Emma pestanejou. Nem sequer se apercebera de que ele estava a comer, de tão cativada com a sua imagem. — Venha cá — insistiu, quando ela continuou imóvel.

Emma deu um passo em frente, com uma sensação surreal a invadi-la. Enquanto se aproximava, apercebeu-se de que os olhos dele eram da mesma cor do lago num dia soalheiro — um desconcertante verde-azulado. O lago conseguia suavizar e aquecer as linhas frias e aguçadas da linda e austera sala de jantar durante o dia. Os olhos deste homem, porém, não suavizavam nada. Pareciam perfurá-la de um lado ao outro.

A boca firme e sensual estremeceu ligeiramente.

— Porque está a olhar para mim dessa maneira? — perguntou ele em voz baixa.

— Estou a olhar para si de alguma maneira? — perguntou Emma, surpreendida e apanhada desprevenida. — Não tinha percebido — gaguejou. Arrancou o olhar da sua atraente imagem e olhou em volta da sala. — Nunca tinha visto um espaço como este. Foi um pouco como entrar na fotografia de uma revista, ou coisa do género. — *Em especial contigo sentado à cabeceira dessa mesa imponente vestido de smoking.*

Olhou para ele quando ouviu o seu riso gelado.

— Fria e desconfortável, é isso que quer dizer. Não me vou esquecer de transmitir o seu elogio ao meu arquiteto e *designer* de interiores.

Ela olhou-o de frente.

— Não era isso que queria dizer.

O homem franziu ligeiramente o sobrolho, mas não respondeu. Também não desviou o olhar.

— É o Michael Montand? — perguntou ela, no desconfortável silêncio que se seguiu.

Ele anuiu com um breve aceno e olhou de relance a cadeira ao seu lado.

— Sente-se. Deseja alguma coisa para comer ou beber?

— Importa-se de me dizer primeiro porque me fez vir aqui?

As sobrancelhas dele arquearam-se de ligeira surpresa. Eram um tom mais escuras do que o cabelo, e criavam um forte contraste com os olhos claros. Evidentemente, esperava-se que ela seguisse as suas ordens sem um comentário.

— Está a cuidar da minha madrasta. Suponho que não ache estranho que um membro da família queira falar consigo sobre o seu trabalho — disse ele.

— Não chamou mais ninguém do pessoal de enfermagem aqui a baixo.

— Mais ninguém desobedeceu diretamente às minhas ordens.

Ela engoliu em seco perante a vibrante autoridade no tom do homem. O seu coração começou a trovejar tão alto nos seus ouvidos que não ficaria nada surpreendida se ele o ouvisse. O que poderia dizer que não traísse o que vira acidentalmente na noite anterior? Teria o outro homem — Vanni — contado alguma coisa a Montand?

Seria *ele* Vanni?, perguntou-se rapidamente. Não, Vanni não era diminutivo de Michael. Além disso, o homem que vira parcialmente na noite anterior tinha o cabelo mais comprido e mais claro, com fios dourados. Abriu a boca para proferir alguma fraca desculpa — não fazia ideia do quê — mas ele interrompeu-a.

— Pode parecer-lhe gratuito que eu peça que as cortinas da suíte da minha madrasta estejam fechadas, mas garanto-lhe que o fiz por uma razão.

— Eu posso explicar... *O quê?* — ela interrompeu a sua confissão.

Ele fez-lhe um olhar perplexo.

— As cortinas — repetiu.

Foi percorrida pelo alívio. Ele referia-se ao incidente das cortinas, não ao do armário.

— O que é que pensou que eu ia dizer? — quis ele saber, os olhos a semicerrarem-se.

— Não pensei nada — mentiu. — Claro, vou respeitar os seus desejos a respeito das cortinas.

— Gostaria que respeitasse os meus desejos a respeito de tudo o que especifiquei com a sua supervisora.

Ela conteve a respiração por uma fração de segundo. Teria ele enfatizado a palavra *tudo*, ou seria apenas o seu cérebro em pânico a chegar a conclusões precipitadas?

— Claro — conseguiu dizer.

Ele anuiu e depois voltou a pegar no garfo. Emma teve a distinta impressão de que tinha sido dispensada. Vacilou sobre os pés fracos.

— É só que a luz do sol... podia fazer bem à Cristina.

Ele olhou-a com glacial incredulidade. Emma sentiu-se encolher com o puro gelo.

— É uma vista tão bonita. Não vejo razão para a privar dela — continuou Emma, apesar do olhar intimidante que ele lhe lançava.

O homem pousou o garfo, o tinido da pesada prata contra a fina porcelana a fazê-la dar um pulo. Recostou-se para trás na cadeira. Era dono de uma estrutura magra, musculada... fenomenal, pelo que ela conseguia ver dali. Claramente, não construíra o sofisticado ginásio apenas como fachada. Emma não soube o que fazer no tenso e crescente silêncio que se seguiu.

— Pode ser bonita para si — disse ele por fim.

— Para si não é? — estranhou ela. — Então porque mandou construir esta casa? A vista domina cada divisão. — *Pelo menos, quando não estás lá dentro.*

Um olhar para as feições geladas do homem e soube que tinha ido longe demais. Os olhos dele desceram subitamente, percorrendo-lhe o corpo. Se outro homem o fizesse, ter-se-ia sentido ofendida. No caso de Michael Montand, era como se uma corrente elétrica a percorresse. Os seus mamilos contraíram-se, e qualquer coisa pareceu fazer-lhe cócegas na barriga, como se um gancho de sensações a estivesse a puxar pelo umbigo. Desconfortável, mudou de posição, e a sua baforada de confiança evaporou-se.

— Não disse que não era bonita para mim — respondeu ele. Depois desviou o olhar e Emma soube que tinha imaginado o clarão de ardor nos seus olhos. Ele pareceu hesitar. — Como é que ela está?

— A Cristina?

Ele anuiu e tirou um pãozinho de um cesto. Emma reparou que possuía mãos fortes, dedos compridos e com pontas redondas.

— Num grande sofrimento. Está a piorar. Pedi ao médico para aumentar a medicação para as dores.

Ele ergueu bruscamente o olhar.

— Não é invulgar, à medida que o cancro se espalha — disse Emma, lendo o seu olhar de desconforto.

— O aumento da medicação para as dores não a vai deixar mais confusa?

— Possivelmente. Mas é melhor do que obrigá-la a sofrer. Ela está a

viver os últimos dias da sua vida. Não estamos aqui a falar de uma dor de cabeça. São dores severas, atordoantes. Quando as sente, ela deixa de ter domínio sobre as suas capacidades cognitivas, de qualquer maneira. Nenhum de nós teria — frisou Emma.

Ficaram a olhar um para o outro por alguns segundos. Mais uma vez, o olhar dele desceu sobre Emma, tão brevemente que poderia ter sido imaginação dela.

— Porque se veste dessa maneira para o trabalho? — perguntou ele, regressando à tarefa de barrar manteiga no pão.

Ela ficou de boca aberta.

— Gosto de me sentir confortável. A minha clínica não tem problemas com isso. O senhor tem?

Ele estava agora a partir um pedaço de bife, sem a olhar. Quando não respondeu por um momento, a ansiedade dela cresceu, mas acompanhada por um aguilhão de desafio.

— Não é suficientemente *formal* para si? — acrescentou, como que decidida a cavar a sua própria sepultura. Ele ergueu o olhar, e ela estava a fixar significativamente o seu *smoking*.

O homem fez um pequeno e inesperado sorriso, os dentes brancos a destacarem-se na pele bronzeada. O coração de Emma parou.

— Está a perguntar-se se costumo vestir um *smoking* para jantar sozinho perto da meia-noite? — Ergueu à boca o garfo com o pedaço de bife e ficou a observá-la enquanto mastigava. Emma ficou altamente consciente do movimento do queixo magro e angular e depois da convulsão da garganta forte emoldurada pelo colarinho branco quando ele engoliu. Ele pegou no copo de cristal com vinho tinto. — Isso seria bastante patético da minha parte, não seria? — perguntou, antes de beber um gole de vinho. Emma ouviu o fio de humor na voz dele e não soube como responder.

— Eu só queria dizer...

— Eu sei o que queria dizer. E não, não sou um fanático da formalidade. Só acabei de chegar de um evento de relações públicas na cidade patrocinado pela minha empresa. Não tive fome toda a noite até agora. Costumo sempre perder o apetite nessas coisas. Todas aquelas câmaras. Todos aqueles vampiros — acrescentou distraidamente. Comeu mais um pedaço de bife e, por um momento, Emma perguntou-se se ele se teria esquecido da sua presença. — Não estava a criticar a sua roupa — continuou ele após uma pausa. — Só perguntei porque reparei que era diferente da das outras enfermeiras.

As palavras pareceram ficar a pairar no ar. *Reparei*. Só havia uma forma de ele ter reparado, uma vez que nunca visitava a suíte de Cristina. Reparara nela pela câmara de vigilância. Talvez os pensamentos dele tivessem ido numa direção semelhante, porque a sua expressão tornou-se subitamente mais severa e depois cuidadosamente vazia.

— Pensei que podia ter que ver com a sua idade — disse ele, pegando na faca. — Parece muito mais nova do que as outras.

— Julgou que os meus hábitos de vestir estivessem relacionados com a minha idade? Ou está a falar da minha dificuldade em seguir as suas instruções?

— As duas coisas.

As costas dela endireitaram-se.

— Tenho vinte e três anos.

O sucinto aceno de cabeça do homem pareceu dizer: *bem, então tudo faz sentido*. Ela foi percorrida pela irritação.

— Também não é muito mais velho — disse impulsivamente. O olhar frio que ele lhe fez revelou-lhe que estava enganada; fê-la sentir-se como se tivesse uns doze anos. O que ela dissera era tecnicamente verdade. Ele não devia ter muito mais do que trinta e poucos, mas *parecia* décadas mais velho. Deixar escapar aquelas palavras talvez fosse a sua tentativa desesperada de equilibrar o campo de jogo

Ele comeu mais um pedaço de carne.

— Tenho trinta — disse, com uma calma exasperante após uma pausa. — E os anos são uma coisa. A experiência é outra.

— Tenho um mestrado em cuidados paliativos. Sou muito bem qualificada para cuidar da sua madrastra. E tenho *bastante* experiência — defendeu-se.

Aquele pequeno sorriso voltou a curvar os lábios dele.

— Como conseguiu tudo isso, em vinte e três anos?

Ela hesitou, franzindo o sobrolho. Percebeu que estava na defensiva, mas o distante desprezo do homem aborrecia-a.

— Faço anos no final do ano. Além disso, fiz o curso em três anos — balbuciou, já a lamentar a sua explosão. Apesar da irritação com o pequeno sorriso condescendente do homem, ocorreu-lhe que ele tinha uma boca muito sensual. Viu-o encolher ligeiramente os ombros.

— Mesmo que não tivesse tanta experiência como tem, eu não ia queixar-me. É muito boa com a minha madrastra. Ela gosta de si. — Lançou-lhe um olhar duro. Ou seria amargo? — E isso é raro. Por favor, limite-se a



seguir as minhas instruções daqui por diante — disse após um momento, pegando no copo de água.

— Com certeza — disse Emma, trémula. Não sabia o que lhe passara pela cabeça, para responder de forma tão defensiva a um membro da família da paciente. Normalmente não ligava a críticas ou desconfianças a respeito do seu aspeto juvenil. O trabalho que fazia acabava sempre por testemunhar o seu valor.

— Boa noite — disse o homem.

— Boa noite — respondeu ela em surdina.

Apesar de o ter visto virado para o prato enquanto a dispensava, a comichão que sentiu nas costas deu-lhe a distinta impressão de que ele a seguia com os olhos enquanto saía da sala.